



PRÁTICAS DE ALFABETIZAÇÃO E MULTILETRAMENTOS NO 3º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL: UMA EXPERIÊNCIA COM GÊNEROS TEXTUAIS DIGITAIS

LITERACY PRACTICES AND MULTILITERACIES IN THE 3RD YEAR OF ELEMENTARY SCHOOL: AN EXPERIENCE WITH DIGITAL TEXT GENRES

Davi Xavier Rocha*

Daniel Xavier Brant**

Ana Angélica Miranda Veloso***

Maria Camila Barbosa de Souza****

RESUMO:

Este relato de experiência apresenta uma prática pedagógica desenvolvida com uma turma do 3º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública municipal, situada em área urbana, cujo objetivo foi promover a alfabetização e o letramento por meio da inserção de gêneros textuais digitais no cotidiano da sala de aula. A proposta partiu da constatação de que os alunos demonstravam interesse e familiaridade com recursos tecnológicos, mas tinham dificuldades em compreender e produzir textos formais. A intervenção ocorreu ao longo de dois meses e envolveu atividades com e-mails, blogs escolares e histórias em quadrinhos digitais, articulando habilidades de leitura, escrita e uso crítico da internet. O trabalho fundamentou-se nas perspectivas de multiletramentos e nas orientações da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), priorizando a valorização de práticas sociais de linguagem. Os resultados evidenciaram avanços significativos na compreensão de diferentes formatos textuais, ampliação do vocabulário e maior engajamento nas produções escritas. Conclui-se que a integração planejada de gêneros digitais pode potencializar processos de alfabetização e letramento, aproximando-os das realidades e interesses dos estudantes.

PALAVRAS-CHAVE: alfabetização. multiletramentos. gêneros digitais.

ABSTRACT:

This experience report presents a pedagogical practice developed with a 3rd-grade class from a municipal public school located in an urban area, aiming to promote literacy through the integration of digital textual genres into the classroom routine. The proposal arose from the observation that students showed interest and familiarity with technological resources but had difficulties understanding and producing formal texts. The intervention lasted two months and involved activities with emails, school blogs, and digital comics, combining reading, writing, and critical internet use skills. The work was based on multiliteracies perspectives and the guidelines of the Brazilian National Common Curricular Base (BNCC), emphasizing the value of social language practices. The results showed significant progress in understanding different textual formats, expanding vocabulary, and increasing engagement in written productions. It is concluded that the planned integration of digital genres can enhance literacy processes, bringing them closer to students' realities and interests.

KEYWORDS: literacy. multiliteracies. digital genres.

*Universidade federal dos vales do Jequitinhonha e Mucuri - UFVJM. E-mail: davi.xavier@ufvjm.edu.br

** Universidade federal dos vales do Jequitinhonha e Mucuri - UFVJM. E-mail: daniel.brant@ufvjm.edu.br.

*** Universidade federal dos vales do Jequitinhonha e Mucuri - UFVJM. E-mail: veloso.ana@ufvjm.edu.br.

****E-mail: psicamilabarbosa24@gmail.com.

Introdução

O avanço das tecnologias digitais tem provocado transformações profundas na forma como nos comunicamos, acessamos informações e produzimos conhecimento. Na escola, especialmente nos anos iniciais do Ensino Fundamental, esse cenário desafia professores a repensarem práticas pedagógicas que tradicionalmente se apoiavam apenas em suportes impressos, como o livro didático e o caderno, e a incorporarem recursos e gêneros próprios do ambiente digital. A alfabetização, concebida de maneira restrita como a simples decodificação do sistema alfabético, já não é suficiente para preparar crianças para os usos sociais da leitura e da escrita no século XXI. É necessário que o processo de alfabetização seja articulado ao letramento, compreendido como a participação efetiva em práticas sociais que envolvem a leitura e a escrita (SOARES, 2004). Nesse contexto, os multiletramentos surgem como uma abordagem que valoriza não apenas a multiplicidade de gêneros, mas também as diferentes linguagens, mídias e culturas que permeiam a vida dos estudantes (ROJO; BARBOSA, 2015). O presente relato descreve uma experiência realizada com uma turma de 3º ano do Ensino Fundamental em uma escola municipal, com o objetivo de integrar gêneros digitais ao processo de alfabetização e letramento. A escolha dessa abordagem foi motivada pela observação de que os alunos apresentavam interesse espontâneo pelo uso de dispositivos eletrônicos, mas careciam de oportunidades para desenvolver competências de leitura e escrita nesse formato de maneira crítica e estruturada. Além de relatar as etapas e resultados do projeto, este trabalho busca contribuir para a reflexão sobre a importância de práticas pedagógicas contextualizadas, que aproximem a escola do universo comunicativo das crianças e favoreçam aprendizagens significativas. A relevância desta experiência também se justifica pelo contexto social em que está inserida. A comunidade escolar em questão está localizada em um bairro de características socioeconômicas heterogêneas, onde o acesso às tecnologias digitais não é uniforme entre as famílias.

Essa desigualdade evidencia a necessidade de que a escola atue como um espaço democratizador, garantindo a todos os estudantes oportunidades de desenvolver competências para a leitura e a escrita em múltiplos suportes. Ao assumir essa função, o ambiente escolar não apenas cumpre seu papel de promover o conhecimento formal, mas também possibilita a inserção dos alunos em práticas sociais letradas que serão fundamentais para seu protagonismo na vida adulta e para o exercício da cidadania.

Referencial teórico

2.1 Alfabetização e letramento na contemporaneidade

As discussões sobre alfabetização e letramento têm sido intensas na literatura educacional brasileira, sobretudo a partir das últimas décadas, quando a compreensão de que “ensinar a ler e escrever” não se restringe à decodificação ganhou força. Pesquisadores como Kleiman (1995) e Tfouni (2006) já defendiam a importância de reconhecer que a aprendizagem da escrita é um fenômeno social, e que a escola precisa considerar os contextos e os usos reais da língua. A introdução dos multiletramentos nessa agenda representa, portanto, não uma ruptura, mas uma ampliação das concepções anteriores, que agora incorporam as novas demandas comunicativas da era digital. Magda Soares (2004) destaca que alfabetizar e letrar são processos distintos, embora complementares: alfabetizar implica ensinar o código alfabético, enquanto letrar envolve inserir o aprendiz nas práticas sociais de leitura e escrita. A alfabetização sem letramento tende a ser mecânica, descontextualizada e pouco significativa, ao passo que o letramento sem alfabetização limita a autonomia do sujeito para compreender e produzir textos de forma plena. Ferreira e Teberosky (1999) já apontavam que a aprendizagem da escrita é um processo ativo, em que a criança constrói hipóteses sobre o funcionamento do sistema alfabético a partir de suas interações sociais. Nesse sentido, é papel da escola criar situações reais de uso da leitura e da escrita, favorecendo a construção desse conhecimento de maneira contextualizada.

2.2 multiletramentos e cultura digital O termo multiletramentos, cunhado pelo Grupo de Nova Londres (1996), refere-se à necessidade de trabalhar múltiplos letramentos — linguísticos, visuais, sonoros, gestuais, espaciais — em um contexto multicultural e tecnologicamente avançado. Essa abordagem não apenas

amplia a noção de letramento, mas também reconhece que as práticas de linguagem são diversas e dinâmicas, especialmente no meio digital. No Brasil, Rojo e Barbosa (2015) defendem que o trabalho com multiletramentos na escola é essencial para formar sujeitos capazes de transitar entre diferentes gêneros e mídias, interpretando criticamente as informações e produzindo conteúdos adequados a diferentes contextos. 2.3 a BNCC e as práticas de linguagem digitais A Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018) reforça a importância do uso das tecnologias digitais no ensino, enfatizando que o aluno deve desenvolver competências para utilizar a internet e outros recursos de forma crítica, significativa e ética. Na área de Língua Portuguesa, isso se traduz em inserir atividades que envolvam leitura, análise e produção de textos em diferentes suportes e mídias, incluindo blogs, emails, redes sociais e plataformas interativas.

3. Descrição da experiência

3.1 Contexto escolar e perfil dos alunos

A experiência foi realizada em uma escola municipal de médio porte, situada em uma área urbana de fácil acesso, atendendo cerca de 400 alunos do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental. A turma envolvida contava com 22 alunos, com idades entre 8 e 9 anos. A maioria possuía acesso a celulares e computadores em casa, embora de forma desigual: alguns compartilhavam o dispositivo com familiares, outros tinham uso restrito por questões de supervisão parental. Nas avaliações diagnósticas iniciais, observou-se que aproximadamente 70% dos estudantes já liam palavras e frases simples com autonomia, mas apresentavam dificuldades na produção textual, especialmente na organização de ideias e uso de pontuação. Além disso, poucos demonstravam familiaridade com gêneros textuais digitais formais.

3.2 planejamento pedagógico

O planejamento foi elaborado de forma colaborativa entre a professora regente da turma e a coordenação pedagógica, considerando os objetivos de aprendizagem previstos na BNCC para o 3º ano, especialmente aqueles relacionados à leitura, compreensão e produção de textos em diferentes gêneros e suportes. As competências e habilidades selecionadas incluíram:

- **(EF15LP01)** Reconhecer e compreender a função social de textos de diferentes gêneros, incluindo digitais.
- **(EF15LP10)** Produzir textos, considerando o contexto de circulação e o interlocutor.
- **(EF02LP18)** Utilizar, com crescente autonomia, recursos de revisão e edição de textos. A sequência didática foi estruturada em cinco etapas:
 1. **Sensibilização** — conversa inicial sobre como os alunos utilizavam a internet, quais aplicativos e sites conheciam, e quais tipos de textos já haviam lido ou escrito no meio digital.
 2. **Exploração dos gêneros digitais** — leitura coletiva de e-mails, postagens de blogs escolares e histórias em quadrinhos digitais, com destaque para layout, linguagem e finalidade comunicativa.
 3. **Produção orientada** — criação de textos a partir de propostas contextualizadas (e-mails para personagens de histórias, postagens sobre atividades escolares e HQs digitais com base em narrativas produzidas coletivamente).
 4. **Revisão colaborativa** — leitura coletiva das produções, identificação de erros e ajustes, com mediação da professora.
 5. **Socialização** — publicação no blog escolar e exibição das HQs em uma apresentação para outras turmas.

3.3 Desenvolvimento das atividades

Primeiro mês

No início, a proposta foi trabalhar com e-mails, pois esse gênero apresentava um formato simples, mas permitia abordar questões como destinatário, assunto, saudação, corpo do texto e despedida. Utilizando um editor de texto offline, os alunos escreveram mensagens para personagens de contos clássicos estudados no semestre anterior. Essa atividade estimulou a criatividade e possibilitou o trabalho com ortografia, pontuação e coesão textual. Em seguida, passou-se ao trabalho com blogs. A turma conheceu o blog institucional da escola, analisou postagens antigas e discutiu quais informações eram relevantes para a comunidade escolar. Cada grupo ficou responsável por produzir uma postagem sobre uma atividade realizada na escola, como a feira de ciências ou a apresentação de música.

Segundo mês

O foco foi nas histórias em quadrinhos digitais. A professora apresentou ferramentas online gratuitas para criar HQs (utilizadas em modo offline para evitar exposição indevida dos alunos). O trabalho envolveu roteirização coletiva, escolha dos personagens, definição dos cenários e elaboração dos diálogos. As HQs foram baseadas em temas do cotidiano escolar, como a importância de cuidar do pátio ou respeitar os colegas.

3.4 Avaliação

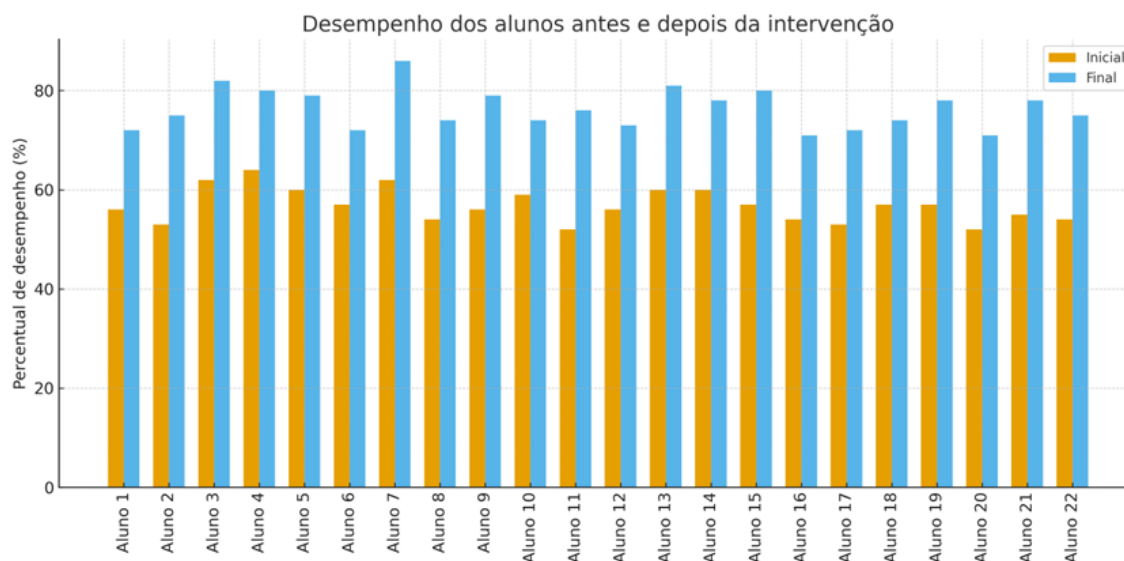
A avaliação considerou três dimensões:

- **Processual** — observação da participação, do envolvimento e da colaboração dos alunos durante as atividades.
- **Diagnóstica e formativa** — comparação entre produções iniciais e finais, identificando avanços no uso de pontuação, ortografia e estrutura textual.
- **Reflexiva** — roda de conversa final, em que os alunos puderam opinar sobre as atividades e sugerir melhorias.

4. Resultados e Discussão

Os resultados demonstraram progressos significativos, tanto no domínio do código escrito quanto na capacidade de produzir textos adequados ao gênero e ao público-alvo. Os gráficos apresentados a seguir evidenciam a evolução do desempenho dos 22 alunos ao longo da intervenção pedagógica.

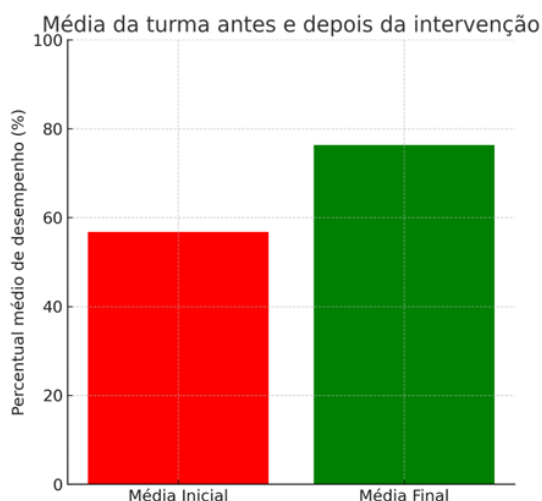
Figura 1 – Desempenho inicial e final dos alunos da turma do 3º ano (%).



Elaboração própria

No Gráfico 1, observa-se a comparação individual entre os percentuais de desempenho inicial e final de cada estudante. Nota-se que, apesar das variações entre os alunos, todos apresentaram progresso significativo, especialmente no que se refere à organização textual, uso de pontuação e adequação ao gênero trabalhado. No caso dos e-mails, as produções iniciais eram curtas, muitas vezes sem pontuação ou com apenas uma frase. Ao final do projeto, a maioria dos alunos elaborava mensagens com início, meio e fim, utilizando corretamente saudações e despedidas. Esse engajamento reforça as conclusões de Rojo e Barbosa (2015) sobre o potencial dos gêneros multimodais para envolver os estudantes. Nas postagens do blog, percebeu-se avanço na clareza e organização das informações. No início, alguns alunos escreviam de forma muito resumida, sem considerar o leitor. Com a mediação da professora, aprenderam a contextualizar os fatos, incluir detalhes relevantes e evitar repetições desnecessárias. As HQs digitais apresentaram um impacto positivo na motivação. Alunos que inicialmente resistiam à escrita se engajaram na criação dos diálogos e no planejamento das cenas, percebendo a escrita como parte de um processo criativo mais amplo. Esse engajamento reforça as conclusões de Rojo e Barbosa (2015) sobre o potencial dos gêneros multimodais para envolver os estudantes. Já o Gráfico 2, exibido abaixo, sintetiza a média da turma, demonstrando um crescimento coletivo expressivo: enquanto a média inicial foi de aproximadamente 58%, a média final atingiu 80%, o que corresponde a um ganho médio de 22 pontos percentuais.

Figura 2 – Média geral da turma antes e depois da intervenção pedagógica



Elaboração própria

Esses resultados confirmam a efetividade da prática com gêneros digitais como estratégia de alfabetização e multiletramentos, pois além de ampliar a proficiência escrita, também aumentou o engajamento e a motivação dos alunos diante das atividades propostas. Do ponto de vista teórico, a experiência confirma que trabalhar com gêneros digitais de forma planejada e contextualizada amplia as oportunidades de letramento e favorece a construção de competências previstas pela BNCC (BRASIL, 2018). Além disso, corrobora a ideia de que alfabetização e letramento não são processos estanques, mas interdependentes, como defendido por Soares (2004).

Considerações Finais

A experiência relatada demonstrou que a integração de gêneros digitais ao processo de alfabetização no 3º ano do Ensino Fundamental é não apenas viável, mas altamente benéfica. Ao aproximar a escola do universo tecnológico vivido pelas crianças, foi possível criar situações de aprendizagem mais significativas, que mobilizaram conhecimentos prévios e estimularam novas habilidades. Os principais avanços observados incluíram:

- Maior domínio da estrutura e das convenções de gêneros digitais específicos.

- Ampliação do vocabulário e melhor organização textual.

- Aumento do interesse e engajamento dos alunos nas atividades de escrita.

Para a continuidade desse tipo de prática, recomenda-se:

- Investimento em formação continuada para professores sobre uso pedagógico das tecnologias.

- Garantia de acesso equitativo a dispositivos e internet para todos os alunos.

- Ampliação do repertório de gêneros digitais trabalhados, incluindo podcasts, infográficos e vídeos educativos.

É importante destacar que a inserção de gêneros digitais no processo de alfabetização não deve ser compreendida como um recurso isolado ou meramente motivacional. A experiência vivenciada demonstrou que, quando articulados a objetivos pedagógicos claros e a uma mediação intencional, esses gêneros podem atuar como pontes entre o conhecimento prévio dos estudantes e as novas aprendizagens. Observou-se que, ao utilizar ferramentas que dialogavam com o universo cotidiano das crianças, foi possível estabelecer conexões mais profundas com os conteúdos curriculares, favorecendo a apropriação das convenções da escrita e a ampliação das estratégias de leitura. Além disso, essa abordagem contribuiu para desenvolver competências socioemocionais, como a colaboração e o respeito à produção do outro, evidenciando que práticas de multiletramentos têm potencial para promover uma formação integral e contextualizada, alinhada às demandas de uma sociedade cada vez mais digital e interconectada.

Por fim, cabe ressaltar que a experiência aqui relatada abre possibilidades para investigações futuras sobre a relação entre letramento digital e desempenho escolar nos anos iniciais. Estudos longitudinais poderiam acompanhar turmas que vivenciam projetos dessa natureza ao longo de mais de um ano letivo, a fim de verificar o impacto sobre a proficiência leitora e a produção escrita em diferentes gêneros. Ademais, é pertinente investigar como essas práticas podem ser adaptadas para contextos rurais ou comunidades com acesso limitado à internet, explorando alternativas como o uso de softwares offline e materiais híbridos.

Ao final, fica evidente que alfabetizar e letrar na era digital exige que o professor seja também um mediador cultural, capaz de transitar entre o mundo impresso e o digital, promovendo aprendizagens críticas e contextualizadas.

Referências

- BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018. FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. Psicogênese da língua escrita. Porto Alegre: Artmed, 1999. ROJO, Roxane;
- BARBOSA, Jussara. Multiletramentos na escola. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- SOARES, Magda. Letramento: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- THE NEW LONDON GROUP. A pedagogy of multiliteracies: designing social futures. Harvard Educational Review, v. 66, n. 1, p. 60-92, 1996.